

## Escatologia 006

### O estado intermediário

Conforme vimos, o aspecto central do ensino neotestamentário acerca do futuro do homem é a volta de Cristo e os eventos que acompanharão essa volta: a ressurreição, o juízo final e a criação da nova terra. Mas antes de avançarmos para considerar esses assuntos, temos de dar alguma atenção ao que normalmente é denominado de “o estado intermediário”, isto é, o estado do morto entre a morte e a ressurreição.

Desde o tempo de Agostinho, os teólogos cristãos pensavam que, entre a morte e a ressurreição, as almas dos homens desfrutavam do descanso ou sofriam aflições enquanto esperavam ou pela complementação de sua salvação, ou pela consumação de sua condenação. Na Idade Média, esta posição continuou a ser ensinada, e foi desenvolvida a doutrina do Purgatório. Os Reformadores rejeitaram a doutrina do Purgatório, mas continuaram a defender um estado intermediário. O ensino cristão reformado ensina que, para os crentes, o estado intermediário é tanto de bênçãos como de expectativa, por causa disso a bênção é provisória e incompleta.

O homem morre totalmente, com corpo e alma, para depois então ser ressuscitado, ou apenas o corpo que morre? A alma se separa do corpo (a alma desencarna)?

Como vimos semana passada, o conceito de ressurreição apenas da alma, não é bíblica. Por sustentar que, sem o corpo o homem pode ser totalmente abençoado e completamente feliz, esta doutrina nega a importância do corpo. De acordo com esta doutrina, os crentes após a morte já estão abençoados e o ímpio já está no inferno. Se isso for verdade, por que ainda é necessário o dia do juízo?

A Bíblia fala muito pouco acerca do estado intermediário e que o que ela diz, acerca dele é sobre o futuro do homem, no que diz respeito à ressurreição do corpo. Há evidência suficiente para nos capacitar a afirmar que, na morte, o homem não é aniquilado e o crente não é separado de Cristo.

Existem, pelo menos, três exemplos claros do Novo Testamento onde a palavra alma é usada para designar aquele aspecto do homem que continua a existir após a morte.

1. **Mateus 10:28 Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; teme, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.** O que Jesus diz é o seguinte: Existe algo seu que aqueles que o mataram não podem tocar. Este algo tem de ser um aspecto do homem que continua a existir após a morte do corpo.
2. **Apocalipse 6:9 Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. E Apocalipse 20:4 Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.** Em nenhuma destas duas passagens a palavra almas pode se referir a pessoas que ainda estejam vivendo na terra. A referência é claramente a mártires assassinados; a palavra almas é usada para descrever aquele aspecto desses mártires que ainda existe após seus corpos terem sido cruelmente abatidos.

Concluimos, portanto, que não é ilegítimo nem antibíblico usar a palavra alma para descrever o aspecto do homem que continua a existir após a morte. Devemos acrescentar que, às vezes, o Novo Testamento usa a palavra Espírito para descrever este aspecto do homem: por exemplo:

- **Lucas 23:46 Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou.**
- **Atos 7:59 E apedrejavam Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito!**

- **Hebreus 12:22:23 Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados,**

As Escrituras ensinam claramente que o homem é uma unidade, e que “corpo e alma” (**Mateus 10:28 Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; teme, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.**) ou “corpo e espírito” (**I Coríntios 7:34 e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.**) são inseparáveis.

O homem só é completo nesta espécie de unidade. Porém, a morte faz surgir uma separação temporária entre o corpo e a alma. Uma vez que o Novo Testamento, ocasionalmente, realmente fala das “almas” ou dos “espíritos” dos homens como ainda existindo durante o tempo entre a morte e a ressurreição, nós também podemos fazê-lo, desde que lembremos que este estado de existência é provisório, temporário e incompleto. Uma vez que o homem não é totalmente homem sem corpo, a esperança apresentada nas Escrituras, em relação ao homem, não é a simples existência continuada da “alma” (conforme o pensamento grego), mas é a ressurreição do corpo.

Mas o que a Bíblia ensina acerca da condição do homem entre a morte e a ressurreição?

Começemos pelo Antigo Testamento. De acordo com o Antigo Testamento, a existência humana não finda com a morte; após a morte, o homem continua a existir no Reino dos mortos, geralmente denominado Sheol. Sheol pode ser traduzido como sepultura ou cova e também usado para indicar o ato de morrer:

- **Gênesis 37:35 Levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; ele, porém, recusou ser consolado e disse: Chorando, descerei a meu filho até à sepultura (Sheol). E de fato o chorou seu pai.**
- **Gênesis 42:38 Ele, porém, disse: Meu filho não descera convosco; seu irmão é morto, e ele ficou só; se lhe sucede algum desastre no caminho por onde fordes, fareis descer minhas cãs com tristeza à sepultura (Sheol).**
- **I Samuel 2.6 O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura (Sheol) e faz subir.**

Outra possível tradução se refere ao Reino dos mortos:

- **É dito do Sheol que ele tem portas (Jó 17.16 Ela descera até às portas da morte, quando juntamente no pó teremos descanso),**
- **É dito que é um lugar escuro e triste (Jó 17.13 Mas, se eu aguardo já a sepultura por minha casa; se nas trevas estendo a minha cama),**
- **É dito que é um monstro com apetite insaciável (Isaías 5:14 Por isso, a cova aumentou o seu apetite, abriu a sua boca desmesuradamente; para lá desce a glória de Jerusalém, e o seu tumulto, e o seu ruído, e quem nesse meio folgava. ).**

Quando consideramos o Sheol desde modo, temos de lembrar que, tanto o piedoso como o ímpio desce ao Sheol na morte, uma vez que ambos entram no reino dos mortos.

Às vezes, Sheol pode ser traduzido como sepulcro. **Salmos 141.7 ainda que sejam espalhados os meus ossos à boca da sepultura, quando se lavra e sulca a terra.**

Sheol não é o lugar de punição eterna. Mas já no Antigo Testamento começa a aparecer a convicção de que o destino do ímpio e o destino do piedoso, após a morte, não são o mesmo. Esta convicção é expressa primeiramente na crença de que, embora o ímpio permanecerá sob o poder do Sheol, o piedoso finalmente será liberto desse poder. **Salmos 49:14-15 Como ovelhas são postos na sepultura; a morte é o seu pastor; eles descem diretamente para a cova, onde a sua formosura se consome; a sepultura (Sheol) é o lugar em que habitam. Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si.**

**Salmos 16:10 Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.**

O Apóstolo Pedro cita esta passagem em seu sermão de Pentecostes (At 2.27,31), e a aplica à ressurreição de Cristo, afirmando que através destas palavras Davi estava profetizando esta ressurreição. A esperança da libertação do Sheol, para o povo de Deus, já estava presente na época do Antigo Testamento.

Que ensina o Novo Testamento acerca do assim chamado estado intermediário? De início, temos de afirmar, como já foi mencionado, que a Bíblia não fala muito acerca deste estado, deixando várias questões sem resposta. Porém, os ensinamentos do Novo Testamento, neste assunto, não contradizem porém antes complementam e expandem os do Antigo Testamento.

O Novo Testamento, assim como o antigo, ensina que o homem não é aniquilado na morte, mas continua a existir, seja no Hades ou em um lugar de felicidade às vezes denominado Paraíso ou seio de Abraão. Hades é a tradução comum da Septuaginta para Sheol. Porém, o significado de Hades, no Novo Testamento, não é exatamente o mesmo de Sheol no Antigo Testamento. Aparece uma separação espacial no mundo dos mortos entre o justo e o ímpio; em alguns escritos, a palavra Hades começou a ser usada exclusivamente para o lugar de punição das lamas ímpias no mundo dos mortos.

Na maioria das vezes, a palavra Hades, no Novo Testamento, designa o reino dos mortos, um lugar com portas. **Apocalipse 1:18 e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.** Hades é usado várias vezes no livro do Apocalipse; também aqui significa o Reino dos mortos.

**Apocalipse 20:13 Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.** O Hades é retratado como um Reino que entrega seus mortos.

Existe uma passagem do Novo Testamento, porém, onde a palavra Hades é usada não apenas como uma designação do reino dos mortos, mas como uma descrição do lugar de tormentos no estado intermediário: a parábola de Lázaro e o Homem Rico, em Lucas (16.19-31). Não é dito que Lázaro tenha entrado no Hades quando morreu, mas sim que ele foi “levado pelos anjos para o seio de Abraão” (v.22). Entretanto, é dito sobre o homem rico após sua morte, que “no Hades, estando em tormentos, levantou os olhos.. “Aqui o Hades representa o lugar de tormento e sofrimento após a morte, enquanto que “o seio de Abraão” é um lugar ou condição de existência feliz (ver também v.25). Conforme indicado acima, esta mudança no significado de Hades é paralela a uma mudança similar em certos escritos judaicos daquela época.

Concluimos então, que tanto os sofrimentos associados com o Hades como os confortos associados com o seio de Abraão, conforme descrito nesta parábola, ocorrem no estado intermediário<sup>35</sup>.

Resumindo, que podemos aprender acerca do estado intermediário, a partir do uso bíblico dos conceitos de Sheol e Hades? Podemos observar os seguintes pontos:

(1) As pessoas não saem totalmente da existência após a morte, mas vão para um “reino dos mortos”.

(2) Os ímpios deverão permanecer neste reino dos mortos, tendo a morte como seu pastor. O Novo Testamento adiciona o detalhe de que, após a morte, os ímpios sofrerão tormento, ainda antes da ressurreição do corpo (Lc 16.19-31).

(3) O povo de Deus, entretanto, sabendo que Cristo não foi abandonado no reino dos mortos, tem a firme esperança de também ser libertado do poder do Sheol. Novamente o Novo Testamento leva esta esperança um passo adiante, ao sugerir que, após a morte, os justos são confortados. **Lucas 16:25 Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos.**

Em cada caso, percebemos que o Novo Testamento expande e complementa ensinamentos do Antigo Testamento.

O Novo Testamento diz bem pouco acerca da condição dos ímpios entre a morte e a ressurreição, uma vez **que sua preocupação principal é com o futuro do povo de Deus. Conforme vimos, a parábola do homem**

rico e Lázaro retrata o homem rico sofrendo tormentos no Hades após a morte. Talvez, a passagem mais clara do Novo Testamento, que trata da condição do ímpio morto durante o estado intermediário, seja a de 2 Pedro 2.9: “O Senhor sabe como livrar os homens justos de provações e como reservar os injustos para o dia do juízo, enquanto continua sua punição” (NIV). Pedro vem expondo a severidade do julgamento divino sobre os anjos que pecaram, sobre o mundo antigo e sobre Sodoma e Gomorra. De acordo com o verso 4, Deus lança os anjos que pecaram no inferno (no grego, Tartarys), para serem guardados até o julgamento. No verso 9, Pedro está falando acerca dos homens injustos. A estes, diz ele, Deus sabe como guardar ou manter sob punição até o Dia do Juízo - literalmente, enquanto são punidos. A palavra grega utilizada aqui, kolazomenous, é a forma de participio passivo presente no verbo kolazo, (=punir). O tempo presente do participio transmite a idéia de que esta punição é contínua (note a tradução da NIV, citada acima). As palavras eis hemeran kriseos (=até o Dia do Juízo), nos revelam que o que é descrito aqui não é o castigo final dos ímpios, mas uma punição que precede o dia do juízo<sup>36</sup>. Além disso, não pode ser sustentado que a punição aqui mencionada seja administrada somente nesta vida atual, uma vez que as palavras “até o dia do juízo” estendem claramente a punição até aquele dia. Esta passagem, portanto, confirma o que aprendemos na parábola do homem rico e Lázaro, e nos revela que os ímpios sofrem punição contínua (cujas natureza não nos é mais amplamente descrita aqui) entre a sua morte e o Dia do Juízo.

Agora, passamos a perguntar: Que ensina o Novo Testamento acerca da condição dos crentes mortos (ou, usando a expressão bíblica, “os mortos em Cristo”) entre a morte e a ressurreição? Há três passagens importantes para considerarmos aqui.

A primeira delas contém as palavras de Jesus ao ladrão arrependido. Para entendermos seu impacto, temos de observar a petição do ladrão bem como a promessa de Jesus: “E [o ladrão arrependido] acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no (variante textual, em) teu reino”. Jesus lhe respondeu: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23.42,43). Anteriormente, este ladrão tinha reprovado seu comparsa malfeitor e expressado arrependimento por seus erros. Agora, ele se dirige a Jesus em fé e esperança. Como alguém, provavelmente criado na fé judaica, o ladrão creu num Messias que algum dia, talvez no fim do mundo, estabeleceria um reino glorioso. Estando agora convencido de que Jesus era esse Messias, dirigiu-se a ele e pede: “Lembra-te de mim quando vieres no (ou em, conforme rezam alguns manuscritos) teu reino”. O ladrão não esperava ser assim lembrado a não ser em algum tempo no futuro distante. Mas a resposta de Jesus prometeu a ele ainda mais do que ele tinha pedido: “Hoje estarás comigo no paraíso” 37.

A palavra paraíso é usada aqui e em duas outras passagens neotestamentárias: 2 Coríntios 12.4 e Apocalipse 2.7. Na passagem de 2 Coríntios, Paulo nos conta que ele foi arrebatado ao paraíso numa visão; a expressão paraíso é paralela a terceiro céu do verso 2. Aqui, portanto, paraíso significa céu, o reino dos mortos abençoados e a habitação especial de Deus<sup>38</sup>. Em Apocalipse 2.7, lemos acerca da árvore da vida que está no paraíso de Deus - aqui novamente paraíso se refere ao céu, embora mais o estado final do que o estado intermediário. Concluimos que Jesus prometeu, ao ladrão arrependido, que este estaria com Ele na felicidade celestial naquele mesmo dia. Nem é necessário dizer que esta promessa não exclui que Jesus também se lembrará do ladrão por ocasião de sua Segunda Vinda, quando ele de fato, finalmente, virá para o seu reino; mas ele afirmou que já, naquele dia, imediatamente após sua morte, o ladrão arrependido desfrutará do gozo celestial juntamente com Cristo<sup>39</sup>.

Estas palavras de Jesus nos dão um relance breve, porém memorável, acerca da condição do povo de Deus após a morte. Com certeza o sono da alma está excluído aqui, pois por que se dirigiam estas palavras se, após a morte, o ladrão estivesse totalmente inconsciente de estar com Cristo no paraíso? 40

Uma segunda passagem importante sobre o estado intermediário é encontrada em Filipenses (1.21-23): “Portanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e de outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

No verso 20, Paulo expressou sua certeza de que Cristo seria engrandecido em seu corpo seja pela morte ou pela vida. No verso 21, ele faz a corajosa afirmação de que para ele o viver é Cristo e o morrer é lucro.

Por que Paulo chama aqui a morte de lucro? Alguém poderia dizer que ele está considerando apenas o dia da ressurreição e não falando coisa alguma do estado intermediário. O verso 23, porém, lança mais luz sobre o assunto. Lá ele diz: “Meu desejo é partir e estar com Cristo, porque isso é muito melhor”. *Analysai* (partir) é um aoristo infinitivo, retratando a experiência instantânea da morte. Ligado por um artigo singular a *analysai* está o infinitivo presente, *einai* (ser). O artigo singular junta os dois infinitivos de modo que as ações representadas por estes infinitivos devam ser considerados dois aspectos da mesma coisa, como duas faces da mesma moeda<sup>41</sup>. O que Paulo está dizendo aqui é que, no momento em que ele parte ou morre, naquele mesmo momento ele estará com Cristo.

Paulo não nos diz aqui exatamente como ele estará com Cristo. Se ele estivesse se referindo apenas à ressurreição no último dia, ele poderia tê-lo deixado claro - veja sua referência nada ambígua à ressurreição do corpo em 3.20,21. Aqui, no entanto, ele está simplesmente considerando o momento de sua morte. No momento em que eu morrer, diz Paulo, eu estarei com Cristo. Esta condição, ele acrescenta, será “muito melhor” do que a presente, rejeitando claramente a idéia de que, após a morte, ele entrará num estado de sono-da-alma ou não-existência. Porque, como poderia o sono-da-alma ou não-existência ser “muito melhor” do que o estado atual no qual ele tem comunhão consciente, embora imperfeita, com Cristo? <sup>42</sup>

Novamente, vislumbramos alguma luz sobre o estado intermediário - não uma grande luz, mas luz suficiente para nos confortar. Poder-se-ia dizer, na verdade, que há um paralelo impressionante entre o que Paulo diz aqui e o que Jesus disse ao ladrão arrependido: “ ‘Com Cristo’ - isto é tudo o que Paulo conhece acerca do estado intermediário. Não sobrepuja o que Jesus disse ao ladrão que morria (Lc 23.43)” <sup>43</sup>.

Passemos agora à terceira passagem neotestamentária importante sobre o estado intermediário: 2 Coríntios 5.6-8. No entanto, para entender completamente estes versos, temos de começar pelo início do capítulo. O verso 1 diz: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Parece claro que, com “casa terrestre deste tabernáculo”, que deve ser destruída, Paulo denota o modo atual de existência sobre a terra, cheio de tribulações e sofrimento (veja cap. 4.7-17), um modo tão temporário que pode ser comparado a viver numa tenda. O maior problema de interpretação aqui é determinar o que significa “o edifício de Deus, casa não feita por mãos”. Tem havido, principalmente, três pontos de vista: (1) O edifício de Deus significa uma espécie de corpo intermediário entre o corpo atual e o corpo da ressurreição; os crentes receberiam este corpo intermediário na morte, mas na Parousia o corpo intermediário seria substituído e sobrepujado pelo corpo ressurreto<sup>44</sup>. (2) O edifício de Deus é o corpo ressurrecto que deveremos receber na Parousia<sup>45</sup>. (3) O edifício de Deus descreve a existência gloriosa do crente no céu, com Cristo, durante o estado intermediário <sup>46</sup>.

Não precisamos gastar muito tempo com a primeira posição, uma vez que é dito que o “edifício de Deus” é eterno, enquanto que o corpo intermediário, pressuposto nesta interpretação, seria apenas temporário. Além disso, não há na Bíblia referência a tal “corpo intermediário”. O único contraste de que Paulo trata, em 1 Coríntios 15, é entre o corpo atual e o corpo ressurrecto.

Só nos resta escolher entre (2) o corpo ressurrecto e (3) a existência gloriosa dos crentes no estado intermediário após a morte. É realmente muito difícil escolher entre estas duas posições. Existem elementos neste verso e no capítulo inteiro que, realmente, sugerem a idéia do corpo ressurrecto: por exemplo, a idéia de ser revestido ou de vestir nossa habitação celestial (v.2), e a declaração de que quando estivermos vestido o que é mortal será tragado pela vida -, uma declaração que nos lembra a figura de 1 Coríntios 15.53: “Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade”. Por outro lado, há elementos no capítulo que parecem indicar o estado intermediário: por exemplo, a casa não feita por mãos é descrita como estando nos céus. Com certeza, não deveremos pensar acerca de nossos corpos, ressurrectos sendo guardados para nós em algum lugar, nos céus, não é assim? Outra dificuldade com a segunda posição é o tempo presente de “nós temos” (*echomen*) no verso 1. Se Paulo estivesse pensando no corpo ressurrecto, por que ele não disse: “nós teremos”?

Embora se possa defender, plausivamente, tanto a interpretação (2) como a (3), nenhuma posição é completamente satisfatória. Por causa disso, o comentário de Calvino sobre o verso em questão é bem impressionante. Após ter apresentado algumas das dificuldades da passagem, Calvino diz em seu comentário de 2 Coríntios: "... Eu prefiro entendê-lo [v.1] como indicando que a condição de bênção da alma após a morte, é o início deste edifício, e a glória da ressurreição final é a sua consumação" 47. Em outras palavras, a interpretação de Calvino combina as posições (2) e (3) acima. O "estado intermediário" e o "corpo ressurrecto" não são entendidos aqui como um "ou-ou" mas como um "tanto-como". Esta interpretação da passagem, assim me parece, faz mais jus às palavras de Paulo e nos ajuda a compreender o futuro do crente como uma experiência unitária, embora dividida pela ressurreição em duas etapas. Ambas as etapas, porém envolvem uma experiência de glória celestial.

Portanto, o verso 1 nos relata o que acontece imediatamente após a morte: No momento em que a tenda terrestre, em que vivemos agora, estiver destruída ou dissolvida (o tempo aoristo de *katalythe* sugere o momento em que a morte acontece), nós temos imediatamente, não em algum tempo futuro, um edifício de Deus. Isto é, tão logo nós, eu estamos em Cristo, morrermos, entramos numa existência celestial gloriosa, que não é temporária como a nossa existência atual, mas sim permanente e eterna. Embora a primeira fase desta existência venha a ser incompleta, esperando pela ressurreição do corpo na Parousia, todo este modo de eternidade, será glorioso, muito mais desejável do que nossa existência presente.

Nos versos seguintes, Paulo desenvolve mais o que disse no verso 1. No verso 2 ele afirma que, uma vez que nossa vida terrena é cheia de aflições, nós, que somos crente, ansiamos por vestir ou por ser revestidos com nossa habitação celestial - observe que aqui Paulo combina as figuras de lugar de morada e vestimenta. O verso 3: "desde que estamos vestidos, não seremos achados nus" (NIV), nos faz indagar sobre o que Paulo quer dizer com nudez. Vários comentaristas, especialmente aqueles que interpretam o "edifício de Deus" como sendo o corpo ressurrecto, entendem a nudez do verso 3 como denotando a existência incorpórea que precede a ressurreição 48. Dessa forma, as palavras de Paulo são interpretadas de modo a significar que ele evita a idéia de se estar em tal condição incorpórea. Mas evitar isto, seria inconsistente com o que ele diz em Filipenses 1.23, bem como com o que diz no verso 8 deste capítulo. Se, contudo, entendermos o "edifício de Deus" como indicando o modo celestial de existência, que começa imediatamente após a morte e culmina no corpo ressurrecto, poderemos interpretar a nudez aqui mencionada como indicando a falta da glória completa deste tipo celestial de existência. Neste sentido, mesmo nossa vida terrena atual é caracterizada pela nudez, em distinção com sermos revestido com a glória celestial. No verso 4, Paulo indica que suspiramos com ansiedade, enquanto ainda estamos em nossa tenda terrena, não por desejarmos ser despídos, mas porque queremos ser revestidos com nossa habitação celestial. Anelamos por esta existência celestial futura, para que a mortalidade de nosso modo atual de ser possa ser tragada pela vida gloriosa e infinita que nos aguarda.

Isto nos traz aos versos 6 a 8: "Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; (7) visto que andamos por fé, e não pelo que vemos (8). Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor". Por que Paulo diz que, enquanto estivermos no corpo, estamos ausentes do Senhor? É porque na vida atual "nós andamos por fé, não pela vista"; isto é, nossa comunhão atual com o Senhor, embora seja boa, ainda deixa muito a desejar. Por isso Paulo segue dizendo: "preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor". Aqui ele não está falando da ressurreição mas sim do que acontece imediatamente após a morte. Isto fica evidente, também, a partir dos tempos dos verbos usados. Encontramos dois tempos aoristo no verso 8: *ekdemesai* (estar ausente) e *endemesai* (estar em). O tempo aoristo, no grego, sugere instantaneidade, ação instantânea. Enquanto que o tempo presente dos mesmos verbos, no verso 6, retrata uma habitação contínua no corpo e uma ausência contínua do Senhor, os aoristos infinitivos do verso 8 indicam um acontecimento momentâneo, que ocorre uma vez por todas. O que poderia ser isto? Só existe uma resposta: a morte, que é uma transição imediata de estar no corpo para estar ausente do corpo. No exato momento em que isso acontece, diz Paulo, começarei a estar presente com o Senhor. A palavra *pros* (na expressão *pros ton kyrion*, "com o Senhor") sugere uma comunhão muito íntima com o Senhor, implicando que a comunhão com Cristo, que será experienciada após a morte, será mais rica do que a que era experienciada aqui na terra. Em outras palavras, Paulo espera que no momento da morte ele esteja presente com o Senhor.

Paulo não nos conta, exatamente, como experimentaremos esta proximidade com Cristo após a morte. Não temos descrição da natureza desta comunhão; não podemos formar uma imagem de como será. Uma vez que não estaremos mais no corpo, deveremos ser libertos dos sofrimentos, imperfeições e pecados que afligem esta vida presente. Mas nossa glorificação não será completa até que tenha acontecido a ressurreição do corpo. Por causa disso, a condição dos crentes, durante o estágio intermediário, conforme é ensinado por Calvino, é uma condição de ser incompleto, de antecipação, de felicidade provisória.

A Bíblia não tem doutrina independente acerca do estado intermediário. Seu ensino sobre este estado nunca deve ser separado de seu ensino sobre a ressurreição do corpo e a renovação da terra. Por causa disso, como diz Berkouwer, o crente deveria ter não uma "expectação dupla" do futuro, mas uma "expectação única" 50. Aguardamos uma existência eterna e gloriosa com Cristo após a morte, uma existência que culminará na ressurreição. Portanto, o estado intermediário e a ressurreição devem ser considerados como dois aspectos de uma esperança única 51.

Ao mesmo tempo, o ensino bíblico sobre o estado intermediário é de grande importância. Os crentes que morreram são "os mortos em Cristo" (1 Ts 4.16); estejam eles vivos ou mortos, eles são do Senhor (Rm 14.8). Nem a morte nem a vida, nem qualquer outra coisa em toda a criação, será capaz de separá-los do amor de Deus em Cristo Jesus (Rm 8.38,39).

Este ensino deveria nos trazer grande conforto. Nos termos da imagem de 2 Coríntios 5.6-8, nossa vida atual é um estar ausente do Senhor, uma espécie de peregrinação. A morte, para o cristão, entretanto, é um chegar em casa. É o fim de sua peregrinação; é seu retorno à sua casa verdadeira.